



ISSN: 2230-9926

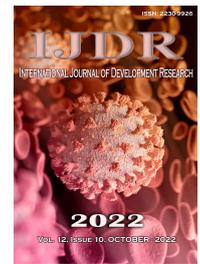
Available online at <http://www.journalijdr.com>

# IJDR

*International Journal of Development Research*

Vol. 12, Issue, 10, pp. 59652-59654, October, 2022

<https://doi.org/10.37118/ijdr.25583.10.2022>



RESEARCH ARTICLE

OPEN ACCESS

## AUTORREPRESENTAÇÕES DE ACADÊMICOS COTISTAS A PARTIR DAS POLÍTICAS PÚBLICAS DE ACESSO E PERMANÊNCIA DE PESSOAS TRANSEXUAIS E TRAVESTIS NA EDUCAÇÃO SUPERIOR BRASILEIRA

Thiago Luiz Sartori<sup>1,\*</sup> and Bruno Gomes Pereira<sup>2</sup>

<sup>1</sup>Universidade de São Paulo, USP, São Paulo, São Paulo, CEP 05508-220, Brasil

<sup>2</sup>Universidade Anhanguera de São Paulo, UNIAN, Santo André, São Paulo, CEP 09020-270, Brasil

### ARTICLE INFO

#### Article History:

Received 17<sup>th</sup> August, 2022

Received in revised form

28<sup>th</sup> September, 2022

Accepted 30<sup>th</sup> September, 2022

Published online 30<sup>th</sup> October, 2022

#### Key Words:

Autorrepresentações,  
Discurso, História de Vida,  
Políticas Públicas.

#### \*Corresponding author:

Thiago Luiz Sartori

### ABSTRACT

Este trabalho é um recorte de uma pesquisa maior, desenvolvida a nível de doutoramento pelo primeiro autor deste trabalho. Tem como objetivo analisar autorrepresentações de acadêmicos cotistas que ingressaram no ensino superior brasileiro a partir de Políticas Públicas de acesso e permanência para alunos transexuais e travestis. A fundamentação teórica está alojada na interface entre os estudos discursivos e as investigações aplicadas da linguagem, especialmente no que se refere às pesquisas sobre identidades de gênero. A metodologia é caracterizada como um estudo de caso exploratório e comparativo com abordagem qualitativa. Os resultados revelam que a maneira como o acadêmico se vê tem relação direta com a sua história de vida, compreendendo a natureza dialógica dos discursos que viveu, ouviu e proferiu durante seu percurso de vida pessoal, escolar e universitária.

Copyright © 2022, Thiago Luiz Sartori and Bruno Gomes Pereira. This is an open access article distributed under the Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original work is properly cited.

Citation: Thiago Luiz Sartori and Bruno Gomes Pereira. "Autorrepresentações de Acadêmicos Cotistas a partir das Políticas Públicas de Acesso e Permanência de Pessoas Transexuais e Travestis na Educação Superior Brasileira". *International Journal of Development Research*, 12, (10), 59652-59654.

## INTRODUCTION

As discussões sobre identidades de gênero no contexto das Políticas Públicas já são latentes no âmbito das discussões acadêmicas brasileiras. Não raramente, é possível perceber investigações que versam sobre questões de gênero a partir das mais diversas concepções. Isso, por sua vez, colabora na construção inicial de uma nova era, influenciada diretamente pelos novos contornos de demandas sociais emergentes (Bello-Ramírez; Vianna, 2021; Sartori; Pereira, 2022a; Sartori; Pereira, 2022b; Sartori; Pereira, 2022c). Por outro lado, ainda que seja possível perceber este avanço, as questões sobre gênero ainda são bastante polemizadas no Brasil, de modo a render opiniões divergentes entre pessoas de diferentes contextos sociais. Diante disso, este artigo tem como objetivo analisar autorrepresentações de acadêmicos cotistas que ingressaram no ensino superior brasileiro a partir de Políticas Públicas de acesso e permanência para alunos transexuais e travestis. Nesse sentido, é possível elencarmos a seguinte problemática de pesquisa: Como os acadêmicos cotistas transexuais e travestis se autorrepresentam a partir da ideologia de gênero que trazem consigo?

Na tentativa de ajudar a responder a esta problemática, a fundamentação teórica deste artigo está alojada na interface entre os estudos discursivos (Bakhtin, 1984; Foucault, 2005; Orlandi, 1996; Tezza, 2005) e as investigações dos estudos aplicados da linguagem, especialmente no que se refere às pesquisas sobre identidades de gênero (Fabrício, 2017; Hall, 2006; Butler, 2003). Partimos do pressuposto de que estas vertentes teórico-metodológicas podem colaborar na construção de sentidos a partir do tratamento científico conferido aos dados gerados no percurso investigativo. Dos estudos discursivos, nos interessamos mais de perto pelas concepções de vozeamento e ideologia, bastante discutidas no bojo investigativo dessas áreas. Tais conceitos são fundamentais ao entendimento do percurso analítico que trazemos nas próximas seções. Isso porque entendemos que tudo que é dito pode, de certa forma, representar a maneira como percebemos o mundo. A partir disso, entendemos que o termo "voz" deve ir muito além das definições fonéticas e fonológicas. Estamos entendendo-a aqui como um agrupamento de ideologias localizadas dentro de um recorte de tempo e de espaço. Em outros termos, trata-se de um conjunto de valores construído com o tempo, de maneira a reverberar discursos já cristalizados a partir da nossa base cultural (Bakhtin, 1984; Foucault, 2005; Orlandi, 1996;

Tezza, 2005). Nesse sentido, estamos entendendo que o ato de vozejar um grupo deixado à margem historicamente é, na verdade, resultado de uma recombinação de valores que foram ressignificados com o tempo a partir das novas demandas sociais que foram emergindo. Portanto, a percepção de “voz” está diretamente associada aos valores sociais e culturais daquele momento, representando, assim, valores difundidos pelas camadas sociais de um determinado momento (Bakhtin, 1984). Já a ideologia está diretamente associada ao princípio da intencionalidade. Trata-se, portanto, de todo um conjunto de elementos pragmáticos que podem colaborar diretamente na interpretação daquilo que está sendo expressado de alguma forma. Do ponto de vista do discursivo, é, na verdade, aquilo que faz com que o discurso exista e, a partir dele, possa ser viabilizada qualquer movimento social (Fabrício, 2017; Hall, 2006; Butler, 2003). No que compete ao sistema público de cotas brasileiro, é possível mapear diferentes ideologias que perpassam pela noção de sujeitos que executam e o sujeitos que recebem a ação. Nesse sentido, para que seja possível identificar e descrever marcas ideológicas, é necessário levar em consideração as influências pragmáticas que influenciam o próprio sistema político de cotas (Sartori, 2022; Sartori, 2020). A metodologia é caracterizada como um estudo de caso exploratório e comparativo com abordagem qualitativa. Entendemos que este recorte metodológico tenha viabilizado a geração de dados mais próximos da realidade possível, levando em consideração a própria dinâmica da investigação. Entendemos que o estudo de caso de abordagem qualitativa seja pertinente, considerando o teor intersubjetivo e reflexivo de ambos (Bortoni-Ricardo, 2008; Pereira; Angelocci, 2021; Lakatos; Marconi, 2013; Triviños, 1987; Yin, 2005). Por fim, os resultados revelam que a maneira como o acadêmico se vê tem relação direta com a sua história de vida, compreendendo a natureza dialógica dos discursos que viveu, ouviu e proferiu durante seu percurso de vida pessoal, escolar e universitária.

## MATERIAL E MÉTODOS

Esta pesquisa tem sua metodologia construída a partir da Teoria da Complexidade, a qual entende os movimentos sociais como fatores influenciadores da relativização do percurso de investigação e do tratamento dos dados. Em outros termos, o percurso metodológico aqui apresentado foi pensado a partir dos princípios de complexidade contemporâneos, os quais reverberam verdades em construção (Bortoni-Ricardo, 2008; Pereira; Angelocci, 2021; Lakatos; Marconi, 2013; Triviños, 1987; Yin, 2005). O tipo de pesquisa aqui delineado é um estudo de caso comparativo e exploratório, partindo do princípio de que entrevistamos pessoas transexuais e travestis que estão no escopo de inclusão da pesquisa. Estamos entendendo estas entrevistas como casos específicos, os quais podem servir para posterior comparação a outras demandas similares, que nos ajudam a pensar a realidade focalizada (Pereira; Angelocci, 2021; Yin, 2005). A abordagem de investigação é qualitativa, pois fazemos referência a sua potencialidade como abordagem crítica e reflexiva, considerando que exige do pesquisador um olhar sensível no que se refere aos domínios sociais que contextualizam a geração dos dados. Em outros termos, trata-se de uma pesquisa qualitativa, uma vez que a construção de sentidos advinda do corpus de pesquisa é sobretudo relativa, pois são possíveis a partir do lugar de fala assumido pelos pesquisadores (Pereira; Angelocci, 2021; Lakatos; Marconi, 2013). Foram entrevistados 03 (três) acadêmicos cotistas de universidades públicas brasileiras. Estes, por sua vez, se encaixam às políticas de cotas para pessoas transexuais e travestis, já implantada no contexto político do Brasil. Tais sujeitos de pesquisa ingressaram no ensino superior por intermédio das cotas, mas ainda assim procuram mecanismos sociais que os façam se sentir sujeitos daquela comunidade linguística e social. Nesse contexto de readaptação, as suas respectivas identidades de gênero são ressignificadas a partir das demandas sociais que os envolve.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

De acordo com o percurso aqui percorrido, elencamos abaixo alguns excertos de fala dos sujeitos de pesquisa, nos quais estes evidenciam

uma perspectiva de gênero a partir de uma autorreflexão. Nesse sentido, dizemos que se trata de uma autorrepresentação a partir de suas próprias convicções de mundo e respectivas histórias de vida. Partindo dessa premissa, observemos os fragmentos transpostos e suas posteriores projeções analítico-descritivas.

Ao serem perguntados “Voce se define como transexual ou travesti?”, foi possível obter as seguintes respostas:

### EXEMPLO 1

Nesse meu processo de me entender como uma pessoa trans, ainda está acontecendo. Eu me identifico como uma pessoa trans. Hoje me coloco como uma pessoa trans não binária. Ainda estou entendendo como a identidade de travesti dialogaria com meu corpo e os meus entendimentos sobre mim mesma. Mas a princípio ainda estou tentando entender como esta identidade se dá em mim, assim. Eu me identifico como uma pessoa trans desde 2020. Foi quando eu me entendi dessa forma.

O exemplo acima faz parte do relato do primeiro sujeito de pesquisa. De acordo com a transcrição, foi a partir de 2020 que começou a se identificar como pessoa trans. Por se tratar de algo recente, prefere não se rotular nem transexual e nem travesti, optando por se identificar apenas como “trans não binário”. Do ponto de vista discursivo, há uma indefinição de gênero, o que aponta para uma pluralidade de conhecimentos, os quais devem surgir a partir de algo processual e não marcado pelo teor biológico.

Nesse caso, há uma espécie de deslocamento do sujeito enquanto sua identidade, sugerindo, portanto, ser algo desconhecido para si mesmo (Orlandi, 1996; Tezza, 2005). Os estudos aplicados sobre identidades de gênero podem nos ajudar a compreender o referido exemplo a partir de um olhar mais sociológico. É possível entender que a pessoa trans prefere não assumir um lugar de fala a partir do seu gênero por não se identificar com o conhecimento prévio que tem acerca de transexual e travesti. Trata-se, portanto, de uma espécie de falta de representatividade de pessoas rotuladas assim em seu contexto real de vida (Fabrício, 2017; Hall, 2006; Butler, 2003).

Passemos ao Exemplo 2:

### EXEMPLO 2

Transexual. Eu me entendi trans com 15 anos. Levaram muitos anos pra eu ter certeza da minha identidade. Foi um processo bem... levou bastante tempo. Eu precisei de apoio de muitas pessoas, muitos amigos, até eu ter certeza realmente. Foi um processo bem difícil, porque eu não tenho apoio da minha família nessa questão. Na época em que eu morava com eles, eu vim do interior, e também não tinha uma rede de apoio por lá. Foi uns anos muito difíceis, quando eu convivi com minha família por lá, porque poquíssimas pessoas sabiam da minha identidade. Levou muitos anos pra eu chegar até aqui, na universidade. Aqui, conseguir ter uma rede de apoio maior. Tenho meus amigos, senti que posso contar com as pessoas. Foram anos em que me senti bem sozinha da minha vida, assim, até eu chegar aqui. E aqui, a minha vida mudou por completo. Conheci muitas outras pessoas trans, inclusive isso tem sido bem importante pra mim. Até chegar aqui foi bem complicado.

De acordo com o exemplo acima, a pessoa trans prefere se identificar como transexual. Para justificar sua autodenominação, recorre a um recorte de sua história de vida, a saber seus 15 anos. Faz um paralelo temporal e partir da idade mencionada e, com isso, consegue elementos capazes de lhe auxiliar na sua autopercepção.

Do ponto de vista discursivo, podemos perceber a importância do tempo como elemento decisivo para o autoconhecimento. Notamos que, por vezes, a pessoa transexual faz referência às suas identidades de gênero como perspectivas construídas e, por isso, não biológicas. Neste exemplo, percebemos uma visão totalmente anti-hegemônica no que se refere às projeções sociais de gênero, ou seja, apesar de parecer estar certo sobre sua identidade sexual, esta é retratada como algo paulatinamente em construção (Bakhtin, 1984; Foucault, 2005; Orlandi, 1996; Tezza, 2005).

Passemos ao Exemplo 3:

**EXEMPLO 3**

Os dois. Eu acho que as duas coisas podem ter significados similares a partir do momento em que o gênero se expressa a partir da vestimenta. Então, existe uma fase da transexualidade que você se entende dentro do... espectro travesti.

De acordo com o exemplo acima, a pessoa trans preferiu se identificar como transexual e travesti ao mesmo tempo. Isso porque, segundo o próprio fragmento, o gênero é constituído por vários viéses, entre eles a vestimenta e a maneira como se sente. Discursivamente, é possível perceber uma espécie de transfiguração de espaço por parte do sujeito de pesquisa. A partir do momento que prefere não assumir um lugar de fala a partir do seu gênero, deixa implícito que fala a partir de uma espécie de zona fronteira, por meio da qual são construídos seus valores de mundo. Isso, por sua vez, colabora na construção ideológica de sobreposição do sujeito ao seu lugar de fala, partindo do pressuposto de que a construção de um terceiro espaço semiotiza, na verdade, uma tentativa de autoempoderamento (Fabrício, 2017; Hall, 2006; Butler, 2003).

**CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Neste artigo, apresentamos um percurso analítico-descritivo a respeito de autorrepresentações de acadêmicos que ingressaram no ensino superior brasileiro por meio das cotas de acesso e permanência de pessoas transexuais e travestis na educação universitária. Apesar de estarmos ainda em um estágio investigativo embrionário, é possível identificar algumas projeções discursivas no que compete ao autoconhecimento sobre identidades de gênero. Diante disso, retornamos ao problema de pesquisa, elencado na introdução deste trabalho: *Como os acadêmicos cotistas transexuais e travestis se autorrepresentam a partir da ideologia de gênero que trazem consigo?*. Acreditamos que a referida problemática de investigação foi respondida durante a produção desta pesquisa, pois os acadêmicos cotistas assumem, durante a geração de dados, um lugar de fala de denúncia a sua autopercepção de gênero, ainda que tenha sido um exercício subjetivo. A partir do tratamento dos dados, identificamos a natureza fluida das identidades, as quais, quando falamos de gênero, conseguimos posições ainda mais relativas. Isso, por sua vez, parece reafirmar a propriedade movediça do campo de investigações sobre identidades, de modo a reforçar a pluralidade de sentidos a partir do olhar da diversidade (Fabrício, 2017; Hall, 2006; Butler, 2003). Finalmente, esperamos que este artigo possa ser visto com algo convidativo, pois apresenta uma temática que necessita ser cada vez mais levada em consideração. Entendemos que o respeito à diversidade de gênero deve ser construído de maneira permanente, de modo a garantir um sociedade mais empática e com menos violência (Sartori, 2020).

**REFERÊNCIAS**

Bakhtin, M. Problems of Dostoevsky's Poetics. London: University of Minnesota Press, 1984.

- Bello-Ramírez, A.; Vianna, C. P. Profesoras en medio de la violencia armada: una pedagogía visceral desde las favelas de Rio de Janeiro. Revista CS, Facultad de Derecho y Ciencias Sociales, n.33, p.11-40, Enero-abril, 2021.
- Bortoni-Ricardo, S. M. O professor pesquisador: Introdução à pesquisa qualitativa. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- Butler, J. Problemas de Gênero: Feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- Fabrício, B. F. Linguística aplicada e visão de linguagem: por uma INdisciplinaridade radical. Revista Brasileira de Linguística Aplicada, Belo Horizonte, v. 17, n. 4, p. 599-617, 2017.
- Foucault, M. Em Defesa da Sociedade. Curso no Collège de France, 1975-1976. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- Hall, S. A Identidade Cultural na Pós-Modernidade. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- Lakatos, E. M.; Marconi, M. A. Fundamentos da Metodologia Científica. São Paulo: Atlas, 2013.
- Orlandi, E. P. Discurso e Leitura. São Paulo: Cortez, 1996.
- Pereira, B. G.; Angelocci, M. A. Metodologia da Pesquisa. Pará de Minas (MG): Editora VirtualBooks, 2021.
- Sartori, T. L. Análise da Educação Brasileira em Face ao Estudo da Sexualidade: Marginalização da Educação Sexual na BNCC. Rev. Bras. Psico. e Educ., Araraquara, v. 23, n. 00, e022001, jan./dez. 2022.
- Sartori, T. L. Educação, Direitos Humanos e Violência Homofóbica no Ambiente Escolar: A Concepção dos Gestores. 2020. 130f. Dissertação de mestrado (Mestrado em Educação). Universidade Municipal de São Caetano do Sul, USCS, São Caetano do Sul: SP, 2020.
- Sartori, T. L.; Pereira, B. G. Direitos Humanos e Políticas Públicas na Educação Superior: Algumas palavras sobre identidades de gênero. In: Ribeiro, A. C. F. et al. (Orgs.). Práticas da Interdisciplinaridade na Educação. Pará de Minas: Editora Virtual Books, 2022a, v. 1, p. 58-63.
- Sartori, T. L.; Pereira, B. G. Identidades de Gênero na Modernidade Líquida: Mapeamento de Políticas Públicas na Educação do Brasil. Temática – Revista eletrônica de publicação mensal, v. 09, p. 191-205, 2022b.
- Sartori, T. L.; Pereira, B. G. Percepções sobre Sociedade e Estado a partir da Semiótica: Olhares Enunciativos em Textos Sincréticos. Revista FSA, v. 19, p. 299-317, 2022c.
- Tezza, C. A Construção de Vozes no Romance. In.: Brait, B. Bakhtin: Dialogismo e construção do Sentido. Campinas/SP: Editora da UNICAMP, 2005. p. 209-217.
- Triviños, A. N. S. Introdução à Pesquisa em Ciências Sociais: A pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.
- Yin, R. K. Estudo de Caso: planejamento e métodos. Porto Alegre: Bookman, 2005.

\*\*\*\*\*